

CARTOGRAFIAS CRÍTICAS, EXPERIMENTAÇÕES DESENHADAS E FRICÇÕES GRÁFICAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO.

Stephanie da Motta Virginio (UFSM)¹,
smvcsg@gmail.com

RESUMO

Percorrer a vida e inventar mapas foi o convite realizado aos sujeitos participantes das oficinas de desenho de um CAPS II (Centro de Atenção Psicossocial), durante o ano de 2024, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Esse convite constituiu o próprio campo de pesquisa etnográfico, que buscou investigar a prática do desenho e da cartografia como práticas artísticas e dispositivos contra-hegemônicos de produção de conhecimento. A pergunta principal orbitou em torno da busca das dimensões subjetivas e relacionais da experiência em contextos situados como saúde mental, acompanhando os fluxos e itinerários terapêuticos, bem como os processos da vida cotidiana nas malhas do cuidado e nas instituições. A problemática central da pesquisa emerge da crítica à tradição moderna da cartografia como tecnologia de representação do espaço e instrumento de ordenamento territorial. Historicamente, o mapa consolidou-se como artefato de fixação do território, associado à produção de escalas normativas, classificações técnicas e imagens homogêneas do mundo. Nesse registro, a cartografia opera como tecnologia de poder, estabilizando fronteiras, apagando diferenças e produzindo territórios como espaços fixos, governáveis e mensuráveis. Em contraposição a essa tradição representacional, a pesquisa adota a noção de cartografia como dispositivo para acompanhamento e produção de processos e dinâmicas socioespaciais, deslocando o mapa georreferenciado para o mapa como construção geopoética, onde percorrer a vida dos sujeitos constitui um modo de invenção de mapas e de produção de dados sobre a constituição de territórios na experiência em saúde. Nessa perspectiva, cartografar não significa registrar um território previamente dado, mas acompanhar processos de vida em devir, produzindo mapas sempre parciais, instáveis e atravessados por escolhas, recortes e invenções. É a parti

¹ Mestre em Ciências Sociais (UFSM). Cursando Especialização em Estudos de Gênero (UFSM).

r dessa inflexão que a pesquisa se localiza no campo da contracartografia, compreendida como abordagem crítica que desestabiliza a pretensão estática e universalizante dos mapas normativos. Os mapas desenhados pelos sujeitos em campo se apresentam como dispositivos de pesquisa que se fazem, desfazem e refazem no fluxo da vida social, produzindo fricções gráficas capazes de tensionar regimes de visibilidade e ampliar formas de inscrição da experiência. Ao articular cartografia, desenho e etnografia, a pesquisa afirma a contracartografia como prática artística e política na produção de conhecimento antropológico em contextos de saúde mental.

Palavras-chave: Contracartografia. Desenho etnográfico. Produção de conhecimento. Regimes de visibilidade.

1 INTRODUÇÃO

Percorrer a vida e inventar mapas foi o convite realizado aos sujeitos participantes das oficinas de desenho de um CAPS II (Centro de Atenção Psicossocial), durante o ano de 2024, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Esse convite constituiu o próprio campo de pesquisa etnográfico, que buscou investigar a prática do desenho e da cartografia como práticas artísticas e dispositivos contra-hegemônicos de produção de conhecimento. A pergunta principal orbitou em torno da busca das dimensões subjetivas e relacionais da experiência em contextos situados como *saúde mental*, acompanhando os fluxos e iterações terapêuticas, bem como os processos da vida cotidiana nas malhas do cuidado e nas instituições.

A problemática central da pesquisa emerge da crítica à tradição moderna da cartografia como tecnologia de representação do espaço e instrumento de ordenamento territorial. Historicamente, o mapa consolidou-se como artefato de fixação do território, associado à produção de escalas normativas, c

lassificações técnicas e imagens homogêneas do mundo. Nesse registro, a cartografia opera como tecnologia de poder, estabilizando fronteiras, apagando diferenças e produzindo territórios como espaços fixos, governáveis e mensuráveis.

Em contraposição a essa tradição representacional, a pesquisa adota a noção de cartografia como dispositivo para acompanhamento e produção de processos e dinâmicas socioespaciais, deslocando, assim, o mapa georreferenciado para o mapa como construção geopoética, onde percorrer a vida dos sujeitos constitui um modo de invenção de mapas e de produção de dados sobre a constituição de territórios na experiência em saúde.

É nesse deslocamento que a cartografia é aqui mobilizada não como técnica neutra de representação espacial, mas como prática relacional, processual e situada, voltada à tessitura de relações entre acontecimentos, memórias, corpos, instituições e trajetórias. O mapa deixa de ser produto final para tornar-se uma expressão gráfica, sempre parcial, instável e atravessada por escolhas, recortes e invenções. Nesse sentido, cartografar não significa registrar um território previamente dado, mas acompanhar processos de vida em devir. Conforme formulam Deleuze e Guattari:

O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construir-lo como uma ação política ou como uma meditação. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30)

É a partir dessa inflexão que a pesquisa se localiza no campo da contracartografia. Longe de designar apenas um conjunto de técnicas alternativas de mapeamento, a contracartografia é aqui compreendida como abordagem crítica que desestabiliza a pretensão estática e universalizante dos mapas normativos. Trata-se de cartografias parciais, inventadas e processuais, que não buscam representar fielmente o espaço, mas acompanhar itinerários, estabelecer relações entre coisas e experiências que escapam às lógicas fixas de visão dos territórios e às classificações da racionalidade biomédica. Ou seja, os mapas desenhados pelos sujeitos em campo se apresentam como dispositivos de pesquisa que se fazem, desfazem e refazem no fluxo da vida social (Ingold, 2022).

Nessa perspectiva, o desenho de mapas deixa de ocupar o lugar de recurso ilustrativo para operar como fricção no interior da prática etnográfica, capaz de produzir modos diferenciais de atenção, corporeidade e relação, abrindo espaço para narrativas e silêncios inscritos em regimes farmacológicos e atmosferas que dificilmente seriam captados por registros escritos, entrevistas ou outras técnicas usuais. A noção de fricção gráfica designa, assim, o efeito produzido quando o desenho introduz corporeidade, hesitação, desvio e excesso no interior da cartografia, tensionando regimes de visibilidade e desestabilizando formas hegemônicas de produzir conhecimento sobre o espaço e a própria noção de território no campo da saúde.

Deste modo, as experimentações com o desenho e as fricções causadas não se limitam a um procedimento metodológico, mas constituem uma estratégia contra-hegemônica de produção de conhecimento e de agência dos sujeitos no campo da saúde mental na produção de seus territórios. Os mapas dissolvem

o território como entidade estável, fazendo emergir camadas temporais, memórias, afetos e movimentos.

É nesse sentido que a contracartografia ou ainda cartografia crítica, aqui proposta pode ser compreendida como prática artística, não pela produção de objetos estéticos autônomos, mas pelo efeito que produz na abertura de regimes de percepção, na invenção de formas sensíveis de pensamento e na reconfiguração das relações entre arte, política e conhecimento. Nesse horizonte, como propõe Suely Kofes, “não se trata de subsumir a Antropologia à Arte e à Literatura... Trata-se, sugiro, de dobras e de contágio, e de tensões” (Kofes, 2020, p. 22).

2 METODOLOGIA

A oficina foi concebida como espaço regular de encontro e experimentação gráfica, no qual os temas, os gestos e as formas de desenhar emergiam no próprio curso das interações. Desse modo, a pesquisa não se orientou por um protocolo prévio de aplicação de técnicas, mas por um método construído no acompanhamento dos processos.

A metodologia adotada articulou observação participante, registro sistêmico em caderno de campo e documentação dos mapas produzidos, compreendidos não como ilustrações, mas como dados etnográficos e dispositivos de interação. Cada mapa foi analisado em relação ao contexto de sua produção, aos diálogos que o acompanharam, às pausas e hesitações que se inscreviam no gesto gráfico.

Os mapas desenhados pelos sujeitos em campo foram tratados como dispositivos de pesquisa que se fazem, desfazem e refazem no fluxo da vida social (INGOLD, 2022), permitindo acompanhar itinerários terapêuticos, vínculos

institucionais e modos de habitar o território urbano e institucional a partir da experiência situada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os mapas evidenciaram redes de apoio informal, vínculos afetivos, zonas de imobilidade e circuitos de circulação que atravessam o CAPS e a cidade, revelando a centralidade de relações pouco reconhecidas pelas políticas de saúde mental. Nesse movimento, a cartografia operou como dispositivo de deslocamento dos regimes hegemônicos de visibilidade, permitindo que experiências de sofrimento, cuidado e invenção da vida se tornassem legíveis em sua própria temporalidade e materialidade gráfica.

Nessa perspectiva, o desenho de mapas deixou de ocupar o lugar de recurso ilustrativo para operar como fricção no interior da prática etnográfica, capaz de produzir modos diferenciais de atenção, corporeidade e relação. A noção de fricção gráfica designa o efeito produzido quando o desenho introduz hesitação, desvio e excesso no interior da cartografia, tensionando formas hegemônicas de produzir conhecimento sobre o espaço e sobre o território no campo da saúde.

Os resultados mostram, assim, que a contracartografia via desenho não apenas registra itinerários, mas produz novos modos de perceber, narrar e habitar o território institucional e urbano, reinscrevendo a agência dos sujeitos na produção de seus próprios caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a cartografia crítica, tal como mobilizada nesta pesquisa, se constitui como uma inflexão epistemológica na produção de conhecimento

nto antropológico em contextos de saúde mental. Ao deslocar o mapa do registro representacional para a invenção compartilhada, a contracartografia revela-se como estratégia contra-hegemônica capaz de tensionar regimes de visibilidade, desestabilizar classificações institucionais e ampliar formas de escuta e de inscrição da experiência.

A fricção gráfica mostra-se central para acompanhar processos, tornar visíveis territórios existenciais e afirmar a cartografia como prática artística e política, orientada não à produção de objetos estéticos, mas à invenção de formas sensíveis de pensamento e de modos outros de habitar o território.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aina. **Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual**. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5 (02):15-32, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995/2011.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. RJ: Vozes, 2022.

KOFES, Suely. **As grafias - traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico**. R@u, v. 12, n. 2: 12-26. 2020.

KUSCHNIR, Karina. **A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas**. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.

VIRGINIO, Stephanie da Motta. Percorrer a vida e inventar mapas: desenho e cartografia como modos de fazer etnografia. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ UFSM), 2025.